

07/08/2019

A barbárie: os 6 meses que estão retrocedendo 50 Anos

Luizinho do EISA

[Metalúrgico. Ativista Sindical]

Nos últimos meses, o Brasil tem vivenciado uma das piores experiências políticas dos últimos 50 anos. O governo Jair Bolsonaro já disse a que veio desde o seu primeiro dia de mandato: acabar com os direitos da população mais pobre. Em poucos meses, seu governo extinguiu ministérios e secretarias essenciais, como os Ministérios do Trabalho e da Previdência. Reduziu o valor do salário mínimo, cortou verbas da educação e da saúde, instalando no meio dos mais pobres um verdadeiro clima de terra arrasada. Se alguém tem que pagar a conta, nunca ela é cobrada dos endinheirados ou da classe empresarial, sobrando invariavelmente para os menos favorecidos.

A especificidade dos retrocessos desse período se faz sentir com tamanha intensidade pelo fato de a classe trabalhadora e os setores da saúde e educação terem tido importantes conquistas nestas últimas décadas. Entre essas conquistas estão o direito à educação e a um sistema de saúde público, gratuito, 100% estatal. Destaca-se que esses direitos não caíram do céu, foram obtidos com muita luta do/as trabalhadores/as. Conquistamos também a visibilidade das desigualdades de gênero e raça, através de um conjunto de movimentos e ações que desvelaram o “mito da democracia racial” no Brasil e o reconhecimento do feminicídio como crime. O desmonte do Estado e os ataques desferidos aos avanços sociais cometidos por este desgoverno passam pela construção política-moral-econômica de que é necessário combater, perseguir e invisibilizar todos(as) que não coadunam com o projeto político de extrema direita do presidente Bolsonaro e seus assessores, a fim de melhorar as condições de vida da população.

Perseguem professores/as e funcionários/as da saúde, responsabilizam o funcionalismo público e os demais trabalhadores pelos pseudoproblemas econômicos e da previdência e inviabilizam a própria existência de negros/as, mulheres, indígenas, quilombolas e comunidades tradicionais.

As consequências deste nefasto projeto, eleito como opção dos capitalistas, já se fazem sentir em nosso cotidiano.

O aumento da violência, intensificação do feminicídio, os profundos ataques às organizações dos trabalhadores, especificamente contra os sindicatos, cortes nas verbas da educação, da saúde levando mais precarização ao atendimento nestes setores.

Cadê o novo? Cadê a moralidade?

Em meio a esse caos intencional deste desgoverno, a classe trabalhadora e os demais setores da sociedade civil organizada já começaram a demonstrar que estão dispostos a lutar, reagir e resistir. Estes setores chegaram à conclusão que de nada adianta o desalento. É entregar o ouro ao bandido. Desopilar o fígado nas redes sociais é acender o fósforo para conferir se há gasolina no tanque. A questão é mais profunda: apesar de todo o sofrimento imposto ao povo pela classe dirigente e seus apoiadores no Brasil, ainda não conseguimos criar uma cultura política.

Mesmo com todas essas dificuldades, o povo já começa a perceber que o equívoco cometido só será corrigido com muitas manifestações de rua e com a unidade dos despossuídos. Tivemos um 1º de maio com milhões de trabalhadores em manifestações, os estudantes também foram às ruas em massa, como há muito tempo não se via, em protesto contra os cortes nas verbas da educação.

Um dos gritos de guerra deles era *“Agora é Pra Valer: Trabalhadores e Estudantes Unidos Pra Vencer.”*

Coroando estas lutas, tivemos a greve geral e a reação violenta do governo Bolsonaro e de seus aliados, colocando todo aparato policial para repressão de nossa luta.

Mostrando que nossa meta foi alcançada, a população deu mostras de estar retomando sua disposição de luta: a greve tirou aqueles que estão no poder da zona de conforto e os incomodou. O sucesso das manifestações deveu-se muito à unidade das centrais sindicais: algo há muito tentado, mas poucas vezes conseguido, devido às vaidades dos seus dirigentes. Somaram-se também os demais movimentos organizados, em especial os da saúde. O outrora arrogante governo já pôde perceber que não é tão senhor assim da situação e o povo viu que pode mais e mais, bastando para isto politizar a problemática.

A população descobriu também que apesar de tudo não nos resta outra via fora da política democrática. Pode-se odiá-la, repudiá-la ou ficar indiferente, mas é ela que determina a nossa qualidade de vida, como trabalho, moradia, alimentação, educação e saúde. Quem não gosta de política, é governado por aqueles que gostam. E tudo o que os maus políticos, de que são exemplo os governantes atuais, querem é que fiquemos alheios à política. Assim, daremos carta de alforria a corruptos, nepotistas e vendilhões dos bens públicos. O nosso desafio maior é fazer com que as manifestações se multipliquem numa ação unitária de mobilização de forma organizada com direção, bandeiras e pautas em defesa dos direitos da classe trabalhadora e dos demais segmentos, formados pelos menos favorecidos.

A hora é agora. Por nós, pela juventude e pelas futuras gerações. ■■■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.